

Dez anos dos ataques ao World Trade Center: o discurso criado pela Folha de S. Paulo no caderno especial **11/9/01 – o dia que marcou uma década**

Wagner José Moreira ¹
Eliziane Cristina da Silva de
Oliveira²

RESUMO

Em 11 de setembro de 2001, terroristas seqüestraram quatro aviões comerciais, com os quais atacaram Nova York e Washington, locais emblemáticos para o povo americano e com um valor simbólico não apenas para aquela nação, mas para o mundo, de uma forma generalizada. Foram registradas cerca de três mil mortes de cidadãos de diversas nacionalidades. Somadas as questões humanitárias, simbólicas, econômicas e financeiras desencadeadas pelos os atentados contra os Estados Unidos provocaram alterações que são sentidas ainda hoje.

Passados dez anos dos atentados, os veículos de comunicação em todo o mundo relembaram a data, bem como as vítimas e as mudanças globais registradas após os atentados de 11 de setembro de 2001. Isso foi registrado também em jornais brasileiros. O corpus do presente trabalho é o caderno especial editado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 11 de setembro de 2011.

Palavras-chave: imaginário, terrorismo, World Trade Center, 11 de setembro.

¹ Doutor em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2005). Membro permanente do Mestrado em Estudos de Linguagens e professor no curso de Letras do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).

² Mestranda em Estudos de Linguagens pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET MG). Especialista em Comunicação, Imagens e Culturas Midiáticas pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Jornalista, graduada pelo Centro Universitário de Belo Horizonte (UNI BH)

Introdução

Em 11 de setembro de 2001, terroristas sequestraram quatro aviões comerciais, com os quais atacaram Nova York e Washington, locais emblemáticos para o povo americano e com um valor simbólico não apenas para aquela nação, mas para o mundo, de uma forma geral. Foram registradas cerca de três mil mortes de cidadãos de diversas nacionalidades. Somadas as questões humanitárias, simbólicas, econômicas e financeiras desencadeadas pelos os atentados contra os Estados Unidos provocaram alterações que são sentidas ainda hoje, passados dez anos dos atentados. Essas mudanças foram notadas também na forma de se fazer jornalismo em todo o mundo, com transmissão, ao vivo, do choque do segundo avião contra o World Trade Center. Nas palavras de Deodoro José Moreira:

Um acontecimento de tamanha repercussão dominou completamente o universo midiático no dia 11 de setembro, data do evento. No dia 12, a mídia impressa repercutiu o fato. Se fizermos um retrospecto do que ocorreu desde as primeiras horas da manhã do dia 11, quando a CNN começou a transmitir as primeiras imagens dos ataques, perceberemos que a repercussão do fato provocou fortes mudanças em todas as mídias. A começar pela TV, que teve que alterar sua programação para transmitir ao vivo. Os menos avisados, ao ligarem o aparelho, poderiam achar que estava sendo exibido um filme-catástrofe. Durante todo o dia, os telespectadores ficaram expostos às imagens dos choques dos aviões nas torres do World Trade Center. Nunca antes as emissoras precisaram avisar aos telespectadores, a intervalos regulares, de que o que estavam transmitindo não era um filme. Já a internet, também, entrou no circuito e se tornou fonte de informações para milhões de pessoas em todo o mundo, pois permitia o acompanhamento dos fatos minuto a minuto. (Moreira, 2004, p. 12)

As mudanças no padrão da cobertura dos atentados foram sentidas não somente em veículos de comunicação norte-americanos. No Brasil, os veículos de comunicação também seguiram o que poderia ser chamada de uma nova lógica. Principalmente porque não havia, até então, registro de um atentado contra uma nação transmitido, ao vivo, para todo o mundo.

No caso dos alvos escolhidos pelos terroristas para os ataques – World Trade Center, Pentágono e Casa Branca – tratam-se de locais simbólicos, significativos sob os aspectos financeiro, militar e administrativo. Os atentados registrados no mundo são bem planejados e, assim como as guerras, são midiáticos. De acordo com Wainberg (2005), os atos terroristas são formas violentas de comunicação e, além disso,

As notícias sobre os conflitos em geral e sobre o terrorismo em particular têm um certo impacto no imaginário das pessoas. Por isso mesmo, compreende-se a dose extra de violência utilizada

em tais atos preferencialmente contra civis. Tais ocorrências são premeditadas e visam prioritariamente atrair a atenção da mídia. (Wainberg, 2005, p. 7)

Por se tratar de ataques contra alvos simbólicos dos Estados Unidos, país considerado hegemônico tanto do ponto de vista econômico, quanto militar e político, houve também mudanças no que diz respeito à segurança e às relações diplomáticas e até mesmo comerciais daquele país com as demais nações.

Pode-se afirmar que o terrorismo é um fator ou um acontecimento que vem conquistando espaço na mídia em virtude da recorrência e da gravidade dos ataques realizados pelos grupos terroristas. Sendo assim, justifica-se o espaço dedicado a esse tipo de ataque.

À medida que a integração em nível de noticiabilidade procede, os meios de comunicação de massa são estruturalmente levados a falar desses movimentos e a difundir sua imagem: isso, por sua vez, aumenta sua importância e sua função, acelerando, ao mesmo tempo, seu andamento em direção à institucionalização. Esses movimentos acabam por se tornar fontes estáveis (e não mais ocasionais ou controversas) dos aparatos da mídia. (Wolf, 2005, p. 206)

Moreira (2004) trata os atentados de 11 de setembro de 2001 como *media event*, pois ainda que os ataques não tenham sido episódios programados, pelo menos pelas emissoras de televisão, para serem transmitidos ao vivo, provocaram alterações nas programações das emissoras e, conseqüentemente, nos jornais impressos, nos quais foi registrada uma posição consensual, com os atentados sendo o assunto único das capas de jornais do mundo inteiro.

Para Camargo (2002), a cobertura ao vivo, em tempo real dos ataques, proporcionou um espetáculo do horror. Durante a cobertura, grande parte dos dados e informações veiculadas eram aventadas por locutores, apresentadores e comentaristas. Como pouco – ou nada – se sabia sobre os ataques, levantavam-se dúvidas, suposições. Para o autor, o único caminho possível naquele momento era o de constatar o horror.

Lima (2006) considera a cobertura dos atentados, em 2001, assimétrica na medida em que a mídia globalizada maximizou a capacidade simbólica através do espetáculo.

Passados dez anos dos atentados, os veículos de comunicação em todo o mundo lembraram a data, bem como as vítimas e as mudanças globais registradas após os atentados de 11 de setembro de 2001. Isso foi registrado também em jornais brasileiros. O corpus do presente

trabalho é o caderno especial editado pelo jornal *Folha de S. Paulo*, em 11 de setembro de 2011.

Discursos do Terrorismo e Discursos do Poder

Deve-se salientar que o terrorismo, como fenômeno da violência política, é um tipo especial de guerra que visa ferir de morte o inocente. Na verdade, esse fato não é excepcional. A população tem sido ao longo da história sempre as primeiras vítimas das guerras. (Wainberg, 2005, p. 49)

Os produtores e repórteres dos veículos de comunicação sabem que a violência é capaz de despertar as pessoas da apatia, ao mesmo tempo em que serve como conteúdo adicional para chamar a atenção das pessoas sobre determinados assuntos ou ainda é utilizada como pano de fundo para a divulgação e o fortalecimento de opiniões ou ideologias.

O terrorismo sempre existiu ao longo da história. De acordo com Wainberg (2005), o que muda é a orientação e a letalidade dos ataques. Se durante muitos anos os ataques foram feitos por grupos políticos de direita ou de esquerda, hoje eles são praticados também por grupos religiosos extremistas. Os atentados apontam para uma necessidade latente, por parte dos grupos, de se chamar a atenção para suas necessidades ou ideologias, e, assim, garantir o conhecimento público de seus atos, o que garantiria o alcance de seus interesses políticos. De acordo com Wainberg, tornar os atos violentos conhecidos pelo público é o principal objetivo dos grupos terroristas:

Os ataques de 11 de setembro de 2001 a Nova York e de 11 de março de 2004 a Madri por militantes islâmicos simbolizam a emergência de uma nova Era do Terror. Ao contrário de outros tempos, nos quais o Ocidente via-se marcado de sangue pela justificativa revolucionária de grupos variados de esquerda e de direita, agora predomina nos levantamentos estatísticos a correlação entre o homicídio político e o fundamentalismo islâmico (Ibidem, p. 60).

Para alcançar suas metas, os ataques são planejados para que a mídia mundial dê destaque a cada um deles. Isso foi claramente percebido nos ataques ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001. O choque do avião na segunda torre e todos seus desdobramentos foram transmitidos *ao vivo* por emissoras de televisão de vários países para todo mundo. No dia seguinte, todos os jornais, inclusive brasileiros, deram destaque e dedicaram várias páginas aos atentados, que podem ser considerados formas violentas de comunicação.

Os jornais mais constroem os acontecimentos do que, propriamente, os retratam, pois a notícia não é, exclusivamente, uma descrição do evento ocorrido no mundo, e sim um evento

interpretado, um conjunto de significações construídas no texto. (Moreira, 2004, p. 16)

Os ataques terroristas sempre foram praticados em diversas situações. O que muda hoje, do ponto de vista comunicacional, é a visibilidade alcançada com cada uma das ações e a velocidade, cada vez menor, graças às novas ferramentas de comunicação, com que as notícias chegam a um número maior de pessoas, independente da distância que estejam dos locais onde os atentados são praticados. Tanto sob o aspecto do alcance e gravidade quanto sob a publicidade, os ataques terroristas são bem planejados e seus executores sabem escolher os seus alvos ao mesmo tempo em que conseguem calcular os efeitos de midiaticização de suas ações.

Deseja-se por meio da violência não vencer o inimigo, mas abalá-lo seriamente. E isso só ocorre quando a atrocidade cometida contra o alvo simbólico é rapidamente conhecida pelo público. (Wainberg, 2005, p. 15)

No caso dos atentados terroristas, a imprensa os trata como fatos relevantes, geralmente merecedores de grandes espaços na programação ou nas páginas. Isso vale tanto para os conglomerados transnacionais de comunicação e também para os veículos nacionais que conseguem, de certa forma, tratar esses episódios com uma dose de espetacularização. Dessa forma, Wainberg (2005) considera que a emoção tem um papel decisivo no tratamento geográfico dado ao terrorismo político porque funciona como um alarme para problemas que exigem atenção. A escolha recorrente, por parte da mídia, de episódios violentos ou de espetáculos surpreendentes, faz com que os próprios atores sociais e políticos adotem a regra de que a violência conquista facilmente a audiência e, por decorrência, a imprensa.

No caso da cobertura brasileira de atentados terroristas, pode-se dizer que ela está muito próxima do que é praticado em todo o mundo, com grandes espaços dedicados aos atentados políticos violentos. Quando há um ataque com muitas vítimas, independente da localização geográfica, há grande número de páginas dedicadas a esses episódios. Wainberg (2005) acredita que isso se dê em virtude da inexistência de quadros especializados nas editorias internacionais, o que faz com que a cobertura seja muito mais ideológica e emotiva do que informativa.

A notícia como espetáculo

Ao analisar o Caderno Especial da *Folha de S. Paulo*, percebe-se a utilização de grande quantidade de fotografias, ilustrações, infogravuras e outros recursos gráficos.

Outros recursos também são utilizados como: gráficos, ilustrações, fotos coloridas, que, se em algum sentido colaboram para facilitar a leitura, atendendo às exigências de uma leitura mais rápida, também podem tornar a matéria mais superficial. (Marques, 2006, p. 37)

Em um caderno com oito páginas, foram publicadas uma arte na capa, três infogravuras, seis fotos grandes - sendo apenas uma em preto e branco - e outras imagens pequenas. Não há um grande volume de textos. Percebe-se que, para informar os seus leitores sobre o assunto, o jornal trabalhou mais com imagens do que com palavras. Esse comportamento, segundo Marques (2006), tem como objetivo construir uma perspectiva dos fatos que seja compatível com a posição política ou ideológica da publicação. Essa posição anteriormente era expressa nos editoriais e nas colunas de opinião. Atualmente, ainda de acordo com o autor, essa defesa é feita também com a utilização do material noticioso, valorizando, cada vez mais, o trabalho com as imagens e outros elementos gráficos, especialmente após a presença da cor, no caso dos grandes jornais. Além da defesa do território da opinião e do posicionamento das publicações, Marques considera também que a notícia e a atividade do jornalismo transformaram-se em mercadoria que deve fazer sucesso no mercado de publicações.

Segundo Marques, jornais e revistas fazem parte da indústria cultural, conceito de Theodor Adorno e Max Horkheimer, e passam a ser importantes difusores ideológicos. Os assuntos são tratados de forma superficial e a imprensa não cumpriria o papel de informar, mas somente o de passar informações que seriam de interesse de determinados grupos, sejam políticos ou econômicos. Retomando conceitos de Guy Debord, para quem a vida das sociedades nas quais reinam as condições modernas da produção se anuncia como uma imensa acumulação de espetáculos e tudo o que era diretamente vivido se afastou numa representação, Marques aponta que a sociedade do espetáculo seria uma sociedade na qual o consumo é determinado pelas relações existentes.

Prevalece a tendência, na grande imprensa, de simplificar os discursos, através da escolha da mesma gama de fontes e de um processo de espetacularização da notícia, que, no seu limite, tende a criar ou recriar a realidade dos fatos. Tais fenômenos desvalorizam a função mediadora e reflexiva da imprensa, estabelecendo uma tendência de relação imediata dos fatos com o público leitor, transformando o discurso jornalístico de produtor de pensamento e reflexão em discurso puramente ideológico. (Marques, 2006, p. 58)

Considerando esses conceitos, percebemos que a espetacularização das notícias não provoca, em quem recebe a notícia, reflexão ou possibilidade de elaboração de uma opinião acerca dos fatos reportados, mas a necessidade de exposição de sentimentos sobre os fatos e acontecimentos.

O Caderno Especial da Folha de S. Paulo: 11/9/01 – O dia que marcou uma década

O caderno especial sobre os atentados ocorridos nos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001 publicado pela *Folha de S. Paulo* em 11 de setembro de 2011, para marcar os dez anos dos ataques, seguiu a mesma linha da cobertura feita quando da ocorrência dos fatos, em 2001.

Os atentados, propriamente ditos, foram tratados como um espetáculo, o que é considerado por Lima (2006) a nova dimensão do terrorismo. Esse posicionamento do autor corrobora as opiniões de Wainberg (2005), para quem as formas contemporâneas de terrorismo são midiáticas.

Se a cobertura dos atentados mudou a lógica do fazer jornalístico no mundo inteiro, a edição do caderno especial da *Folha de S. Paulo* seguiu a linha da espetacularização das notícias e da criação de um simulacro, o qual Jean Baudrillard (2003) considera como o verdadeiro acontecimento, que foram os ataques ao World Trade Center, ao Pentágono e à Casa Branca. Para Baudrillard, o 11 de setembro foi algo simbólico no sentido mais forte, ao contrário dos episódios que se seguiram a ele, como as invasões ao Afeganistão, em 2001, e ao Iraque, em 2003.

Se os atentados não foram compreendidos à época, teriam sido dez anos depois? A ausência de respostas para questões importantes justificaria a escolha da *Folha de S. Paulo* em usar o recurso do quebra-cabeça incompleto no caderno especial que marcou os dez anos dos atentados.

Conseqüentemente, se o acontecimento e suas coberturas foram tratados como espetáculos, o “aniversário” de dez anos do episódio também foi tratado da mesma maneira pela *Folha de S. Paulo*. Ao utilizar a imagem de Manhattan sobre um quebra-cabeças, no qual faltam peças que correspondem ao local onde estavam as chamadas “torres gêmeas” do World Trade Center, a *Folha de S. Paulo* pode ter tratado os atentados como um caso ainda não solucionado, ainda que já tenha se passado dez anos, os Estados Unidos tenham declarado

guerra ao Afeganistão e ao Iraque, que Sadam Hussein e Osama Bin Laden estejam mortos e que os atentados sejam creditados à rede Al Qaeda.

A ação terrorista em Nova Iorque, embora contasse com toda cobertura midiática, e isso necessariamente promoveu o seu caráter espetacular, tampouco, entretanto, facilitou o entendimento do evento, ou seja, explicar o ocorrido e fornecer respostas imediatas à sociedade americana: quem são os atores; o porquê da escolha dos alvos; quais os objetivos políticos; o porquê do emprego de tais meios; como classificar a ação etc., em suma, questionamentos de toda ordem assolaram a imprensa e, de um modo geral, os meios de comunicação do mundo inteiro, imediatamente após e durante a queda das torres do World Trade Center. (Lima, 2006)

Para Camargo (2002), a *Folha de S. Paulo*, ao contrário de outras publicações mais tradicionais, é um jornal que faz uso de imagens como recurso discursivo e tem familiaridade com o uso de imagens no seu fazer jornalístico habitual, pois

Dentre os jornais de grande circulação no país, a *Folha de São Paulo* é o que mais dialoga com as imagens utilizando desde as tradicionais fotografias aos gráficos, desenhos e imagens digitais com plena desenvoltura. (Camargo, 2002)

Levando-se em consideração as características apontadas por Camargo, o caderno especial publicado pela *Folha de S. Paulo* em 11 de setembro de 2011 tem oito páginas (ver descrição no Anexo 1 e imagens no Anexo 2), em formato *standart* (31,8 x 57,5 cm). Em todas as páginas há forte apelo visual, com uso de fotografias, infográficos, mapas e outros recursos gráficos como a utilização de elementos nas cores vermelho e preto e títulos com letras maiúsculas ou grandes.

Na primeira página – capa – há uma foto colorida da Ilha de Manhattan (29,7 X 39,7 cm). A arte aplicada é de um grande quebra-cabeça, com parte montada e a parte onde estariam as chamadas “torres gêmeas” do World Trade Center sem as peças correspondentes. Considerando-se a construção apresentada pela *Folha de S. Paulo* nessa página, pode-se deduzir que o jornal tenha utilizado o recurso lúdico do quebra-cabeça para sinalizar que trata os atentados de 11 de setembro de 2001 como um caso não solucionado, como se fosse um quebra-cabeça que ainda não tem todas as peças encaixadas. Ainda que os atentados tenham alterado as relações entre os países e, em termos práticos, provocado alterações em diversos procedimentos, por exemplo, em aeroportos, poderia dizer-se ao fazer a leitura visual da capa que, passados dez anos, ainda há pontos que o jornal considera que não foram esclarecidos nem pelas autoridades políticas nem pelas autoridades policiais dos Estados Unidos.

A *Folha de S. Paulo*, no texto publicado logo abaixo da foto/ilustração da capa, tratou os atentados de 11 de setembro de 2001 como o “evento que definiu o início do século XXI” e assumiu que os episódios são cercados de contradições, o que foi explicitado no discurso visual construído no caderno. Partindo-se da capa, o jornal afirmou pretender fazer uma análise completa e, ao mesmo tempo sintética, da situação econômica dos países diretamente envolvidos como Estados Unidos, Afeganistão e Iraque, bem como da economia mundial, entre outros aspectos.

Nas páginas de 2 a 8 foram aplicadas tarjas pretas no alto, com a silhueta das torres em linhas pontilhadas e com fotos e frases atribuídas a 21 personalidades brasileiras sobre as memórias que tinham dos atentados de 11 de setembro de 2001. As frases, muitas vezes, traduzem ou refletem questões pessoais do entrevistado, e não um pensamento sobre um acontecimento que teve e tem repercussões em todo o mundo até hoje. Para Chauí, esse tipo de recurso, quando utilizado, contribui para a espetacularização das notícias e para a eliminação das diferenças entre os espaços público e privado.

Também se tornou um hábito nacional jornais e revistas especializarem-se cada vez mais em telefonemas a “personalidades”, indagando-as sobre o que estão lendo no momento, que filme foram ver na última semana, que roupa usam para dormir, qual a lembrança infantil mais querida guardam na memória, que música preferiam aos 15 anos de idade, o que sentiram diante de uma catástrofe nuclear ou ecológica, ou diante de um genocídio ou de um resultado eleitoral, qual o sabor preferido, qual o restaurante predileto, qual o perfume desejado. Os assuntos se equivalem, todos são questão de gosto ou preferência, todos se reduzem à igual banalidade do “gosto” ou “não gosto”, do “achei ótimo” ou “achei horrível”. (Chauí, 2006, p. 7)

Além das tarjas pretas com as frases de personalidades, as páginas 2 e 3 trouxeram um infográfico (42,5 x 36 cm) que apresentou onze mudanças que ocorreram no mundo após os atentados nos Estados Unidos. As principais alterações foram publicadas em letras brancas em boxes vermelhos e com fotografias de personagens como o ex-presidente norte-americano George W. Bush; o fundador do Wikileaks Julian Assange; o diretor de cinema Michael Moore, além de policiais e prisioneiros. Na parte inferior do infográfico, um mapa aponta o crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) mundial e a participação de cada país na composição do índice. Na parte inferior da página 3, uma arte aponta mudanças registradas nos procedimentos adotados em aeroportos do mundo inteiro.

A arte foi circundada por três matérias, em blocos: **Após década turbulenta, os EUA questionam reação aos ataques; Nova doutrina militar evita ações isoladas;** e **Despesas com guerras dificultam recuperação.**

As páginas 4 e 5, as centrais do caderno, trazem quatro blocos de textos e/ou imagens: no centro da página, o primeiro bloco é composto por duas fotos (18 x 19 cm), em sequência, que mostram as duas torres do World Trade Center: uma já em chamas e a outra no momento em que o avião a atinge.

O segundo bloco, logo abaixo do primeiro, é uma arte com o título **Como o 11/9 mudou a década:** colunas com os anos 2001 a 2011, com as principais mudanças na política americana, política mundial, economia, tecnologia, cultura e mídia e Brasil. Logo abaixo, no rodapé da página, a cronologia dos ataques ao World Trade Center. Os dois blocos de matérias contemplam a rede Al Qaeda, com fotos dos principais personagens relacionados ao 11 de setembro, e uma coluna com um depoimento de Sérgio Dávila, editor-executivo da *Folha de S. Paulo*.

A página 6 tem, ao alto, abaixo da tarja preta comum às sete páginas internas do caderno, apenas um bloco de informações composto por uma foto (22,1 x 10,3 cm) de um professor com seus alunos em uma escola paquistanesa e um desenho feito por uma criança norte-americana com idade de dez anos (14,5 x 10,5 cm), complementando a matéria intitulada **Uma história, várias lições.** No texto, o repórter da *Folha de S. Paulo* relata visitas feitas a quatro escolas, sendo uma nos Estados Unidos, uma no Iraque, uma no Afeganistão e uma no Paquistão, apresentando as opiniões dos estudantes, crianças e adolescentes, sobre os atentados de 11 de setembro de 2001 e suas conseqüências. Na matéria **No Brasil, estudantes misturam desinformação com tolerância,** o repórter mostra como um grupo de crianças brasileiras percebe os atentados e apontam para um nível de desinformação acerca do assunto. Nessa página, o que se percebe é uma tentativa de universalizar a discussão sobre o assunto, de forma imparcial.

Na página 7, o jornal dedicou espaço a histórias de sobrevivência e morte. São dois blocos formados por fotos e textos, que são depoimentos de duas pessoas. O primeiro depoimento, na parte superior da página, é o relato daquela que seria a última pessoa resgatada com vida sob os escombros das torres do World Trade Center e é ilustrado por uma foto colorida (19,6 x 18,6 cm). Logo abaixo, o outro depoimento é de um homem iraquiano que perdeu cinco filhos

em um atentado terrorista em Bagdá, em 2007. Este depoimento é ilustrado com uma foto em preto e branco menor do que a primeira imagem (19,6 x 10,3 cm). Nessa página, o que se percebe é que o jornal considerou mais importante a história de uma pessoa que sobreviveu ao atentado terrorista em território norte-americano do que aquela de um pai que perdeu cinco filhos de uma só vez em um atentado igualmente terrorista em território iraquiano.

A página 8 foi destinada a dois textos, um opinativo e outro analítico. O primeiro texto – **Sem o 11/9, Obama não teria posado com a camisa do Flamengo** – é assinado por Ruy Castro, jornalista, escritor e colunista da *Folha de S. Paulo* na área de cultura. O texto brinca com situações que não existiriam hoje caso os atentados de 11 de setembro de 2001 não tivessem acontecido. Ao lado do texto está uma imagem do quebra-cabeça montado (10,3 x 23,3 cm) com as torres do World Trade Center, que se encaixaria no espaço em branco da imagem da primeira página do caderno. Mais uma vez, a *Folha de S. Paulo* utiliza um recurso lúdico, no texto e na imagem, para tratar o assunto sério que provocou repercussões em todo o mundo nas áreas militar, de segurança, administrativa, política e comercial, entre outras.

O segundo texto é uma análise assinada por Joseph Nye Jr, professor da Escola Harvard Kennedy e autor do livro *The Future of Power* e escritor com exclusividade para o caderno especial da *Folha de S. Paulo*. No texto, o professor aponta, entre outras, questões relacionadas às formas de tratamento aos casos de terrorismo, política externa e economia.

Entre os dois blocos de texto, há uma infografia (Acervo Folha) que mostra os atentados de 11 de setembro ocupando as páginas do jornal em diversos momentos ao longo dos dez anos. Nessa infografia, há reproduções das páginas ou de trechos destas.

Considerações finais

Na análise do **Caderno Especial da Folha de S. Paulo: 11/9/01 – O dia que marcou uma década**, percebe-se que a publicação tratou os atentados ocorridos nos Estados Unidos como um episódio com força suficiente para alterar relações entre as nações do mundo e provocar guerras unilaterais. Por outro lado, esse episódio ainda aparece no imaginário mundial como algo sem explicação ou ainda não solucionado.

Ao usar, na primeira página, o recurso lúdico do quebra-cabeças faltando peças e, gradativamente ao longo das páginas, construir um discurso favorável aos Estados Unidos para chegar à última páginas com o restante do quebra-cabeça montado, a *Folha de S. Paulo*

pode ter pretendido esclarecer os fatos dez anos depois de eles terem acontecido. E esse aspecto lúdico não está presente somente nas ilustrações da primeira e da última páginas, mas também em alguns textos publicados.

Retomando os conceitos de espetacularização da notícia apresentados por Chauí (2006), poderia se afirmar que o tratamento editorial dispensado pela *Folha de S. Paulo* aos atentados contribuiu para transformar os episódios de 11 de setembro de 2001 em um evento sobre o qual as opiniões pessoais se sobrepõem à importância geopolítica que os atentados tiveram desde o momento em que ocorreram, em 2001. Não se quer dizer aqui que as histórias pessoais decorrentes dos atentados devam ser desprezadas, mas elas devem ser incluídas em uma nova concepção que vem sendo construída a partir de 2001, não somente nos Estados Unidos ou no Oriente Médio, mas em todos os países que, em tempos de globalização – econômica ou comunicacional – se relacionam entre si.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *A retórica da imagem*. IN: BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso: ensaios críticos III. Tradução: Léa Novaes. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990. 27-43 p.

BAUDRILLARD, Jean. *Conflito no Iraque só existiu para apagar o verdadeiro acontecimento: os atentados de 11 de setembro*. Entrevista publicada no jornal Folha de S. Paulo em 28/04/03

BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Tradução: Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2003.11-48 p.

CAMARGO, Isaac Antônio. *A reconstrução visual da tragédia do World Trade Center: uma análise das páginas A10 e A11 da Folha de São Paulo do dia 12 de setembro de 2001*. IN: FRANÇA, Vera, WEBER, Maria Helena PAIVA, Raquel, e SOVIK, Liv (orgs.). Livro do XI Compós 2002: estudos de comunicação ensaios de complexidade 2. Porto Alegre: Sulina, 2003. 431-441 p.

CHAUÍ, Marilena. *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. 5-20 p.

LIMA, Elson. “11 de setembro”: nova dimensão de espetáculo. Disponível em http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=375:q11-de-setembroq-nova-dimensao-de-espetaculo&catid=38:terrorismo-e-conflitos&Itemid=127, acesso em 19 de março de 2013, às 15h45

MARQUES, Fábio Cardoso. *Uma reflexão sobre a espetacularização da imprensa*. IN: COELHO, Cláudio Novaes Pinto; CASTRO, Valdir José de (orgs). Comunicação e sociedade do espetáculo. São Paulo: Paulus, 2006.33-60 p.

MOREIRA, Deodoro José. *11 de setembro de 2001: construção de uma catástrofe nas primeiras páginas de jornais impressos*. São Paulo, 2004, (Dissertação de Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

WAINBERG, Jacques A. *Mídia e terror: comunicação e violência política*. São Paulo: Paulus, 2005.

ZIZEK, Slavoj. Bem-vindo ao deserto do real!: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas. Tradução: Paulo Cezar Castanheira. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003. 9-75 p.

http://www.ibge.gov.br/paisesat/main_frameset.php, acesso em 19 de março de 2013, às 17h15

<http://unstats.un.org/unsd/snaama/resQuery.asp>, acesso em 19 de março de 2013, às 17h20

ANEXO 1 - Descrição do Objeto Empírico

Caderno Especial Mundo

Jornal Folha de S. Paulo – Domingo, 11 de setembro de 2011

11/9/01: o dia que marcou uma década

8 páginas com impressão colorida

Página 1

Foto colorida: imagem da Ilha de Manhattan antes dos atentados ao World Trade Center.

Características:

Dimensões 29,7 x 39,7 cm

Imagem diagramada como um quebra-cabeça montado, mas as peças que formariam as torres não estão encaixadas. O espaço reservado a elas ficou em branco

O título “11/9/01: o dia que marcou uma década” foi aplicado sobre a imagem

Acima da imagem fotográfica, foi aplicada uma tarja preta com a identificação do caderno especial

Fotógrafo/Arte (?): Tony de Marco

Texto

Abaixo da foto, em três colunas, há um texto com letras maiores que as utilizadas rotineiramente no jornal (26,2 X 5,3 cm)

Abaixo do texto, uma tarja cinza (26,2 X 2,9 cm) com três chamadas:

EUA: País agora questiona os caminhos tomados após os ataques – Pág. 2

Economia: Tragédia anunciada não veio, mas guerras alimentaram crise – Pág. 3

Educação: Veja como a história é contada nos EUA, Iraque, Afeganistão e Paquistão – Pág. 6

Ruy Castro: Sem o 11/9, Osama poderia se fantasiar de terrorista no Carnaval – Pág. 8

Páginas 2 a 8

No alto das páginas, foi aplicada uma tarja preta, com a “silhueta” de Manhattan. As torres do World Trade Center foram desenhadas com traço pontilhado e fundo branco.

Nessas tarjas, com o título Memórias do 11/9, foram inseridos depoimentos de “personalidades” brasileiras com suas lembranças sobre os atentados (Fernando Henrique Cardoso, Eduardo Suplicy, Walter Torre, Fernanda Young, Mayana Zatz, Paulo Maluf, Maurício de Souza, Ferreira Gullar, Benny Novak, Gerald Thomas, Lavínia Vlasak, MV Bill, Marcos Pontes, Raí, Ziraldo, Pe Lanza (vocalista do Restart), Danuza Leão, José Dirceu, Marcelo Rubens Paiva, Paulo Hoff, Fafá de Belém)

Páginas 2 e 3

Infogravura: **11 mudanças no mundo:** em 11 boxes vermelhos, foram diagramadas 11 mudanças que ocorreram em todo o mundo após os atentados em Nova Iorque. Na mesma arte, um mapa-mundi com o crescimento do PIB de alguns países, com destaque par EUA, Brasil, Reino Unido, Alemanha, Itália, China, Índia, e Japão, bem como a participação de cada um dos países na composição do PIB mundial. Abaixo, na página 3, arte **O que mundou na sua vida em um aeroporto.**

Três matérias:

- 1- Após década turbulenta, EUA questionam reação aos ataques: na página 2: título em duas linhas, diagramada em duas colunas
- 2- Nova doutrina militar evita ações isoladas: na página 2: título em uma linha, diagramada em três colunas
- 3- Despesas com guerras dificultam recuperação: na página 3: título em quatro linhas, diagramada em duas colunas.

Páginas 4 e 5

- 1-Duas fotos coloridas, colocadas lado a lado:

Momentos em que os aviões atingem as duas torres, com explosões e incêndios:

- foto à esquerda: primeiro choque: 17,8 X 19,1 cm

- foto à direita: segundo choque: 17,8 X 19,1 cm

Fotógrafo: Sean Adair – 11 set. 200/Reuters

2-Legenda sob as duas imagens: Sequência mostra voo 175 momentos antes de bater na segunda torre do WTC e a explosão causada pelo choque, que levou ao desmoronamento do prédio após 56 minutos; a torre norte cairia 29 minutos depois da primeira.

3- Infogravura abaixo das fotos e da legenda: **Como o 11/9 mudou a década**

Em colunas, mostra as principais mudanças no mundo a cada ano, de 2001 a 2011, nos itens: Política Americana; Política Mundial; Economia; Tecnologia, Cultura e Mídia; e Brasil (36,2 X 21,5 cm)

4-Cronologia: **Minuto a minuto dos atentados**: desde o horário da decolagem do voo 11 da American Airlines até pronunciamento do então presidente George W. Bush

5-À esquerda da infogravura, arte **Os personagens**: fotos e cargos então ocupados pelas seguintes pessoas: George W. Bush, Donald Rumsfeld, Osama Bin Lade, Dick Cheney, Rudolph Giuliani, Colin Powell, Mohammed Omar e Tony Blair

Duas matérias:

1. Al Qaeda perde força, mas inspira novos terroristas: na página 4: título em três linhas, diagramada em três colunas, sendo duas delas menores, acima da arte Os personagens.
2. Depoimento: Passagem do tempo trará quadro mais claro sobre 11/9: na página 5: título em quatro linhas, diagramada em uma coluna

Página 6

Foto colorida 22,3 X 10,3 cm

Fotógrafo: Igor Gielow/Folhapress

Legenda à direita da imagem: Professor Amir (à esq.) e seus alunos no madraçal (escola religiosa) de Gahri Afghanan, no Paquistão

Título: uma história, várias lições, diagramado em duas linhas.

Matéria diagramada em três colunas, sendo duas menores, sob o título

Ilustração: logo abaixo do título, com legenda aplicada no canto superior direito: desenho feito pelo americano Sean Fitzpatrick, após sua primeira visita ao Marco Zero, em agosto

Matéria logo abaixo da ilustração: No Brasil, estudantes misturam desinformação com tolerância: título em duas linhas, matéria diagramada em duas colunas.

Página 7

Título: Minha história – morte e sobrevivência, em duas linhas, uma versal (Minha História) e “bigode” abaixo do título

Frase: “Me perguntei se assistiria à minha própria morte”, logo acima de uma fotografia colorida (19,7 X 18,6 cm) – retrato de Genelle Guzman-McMillan

Legenda sobre a foto, no canto superior esquerdo

Fotógrafa: Catrina Genovese/Time & Life Pictures

Matéria diagramada em duas colunas, nas laterais da fotografia colorida, sendo uma coluna de cada lado da imagem

Logo abaixo da foto colorida, uma imagem em PB (19,7 X 10,3 cm) – retrato de Hadji Muhammad Al Khashali

Frase abaixo da foto: “Meus netos querem saber porque os pais morreram”

Legenda sobre a foto, no canto superior direito

Fotógrafo: Igor Gielow/Folhapress

Matéria diagramada em seis colunas, contornando a imagem em PB

Página 8

Página de opinião e análise

Ilustração: Imagem colorida das duas torres do World Trade Center (10,7 X 23,5 cm), antes dos atentados, montadas como se fosse um quebra-cabeça

Versal: Opinião

Autor: Ruy Castro, colunista da Folha

Título: Sem o 11/9, Obama não teria posado com camisa do Flamengo, em três linhas. Logo abaixo

Matéria diagramada em três colunas

Logo abaixo da matéria e da ilustração: Acervo Folha – reprodução das capas da Folha de S. Paulo de 12 de setembro de 2001, 11 de setembro de 2002 (um ano após os atentados) e 11 de setembro de 2006 (cinco anos após os atentados). À direita das capas, chamada para que o leitor participe dos links especiais sobre o 11 de setembro no site Folha.com

Versal: Análise

Autor: Joseph S. Nye Jr., especial para a Folha

Título: Vitória final será daquele que aliar força à melhor história

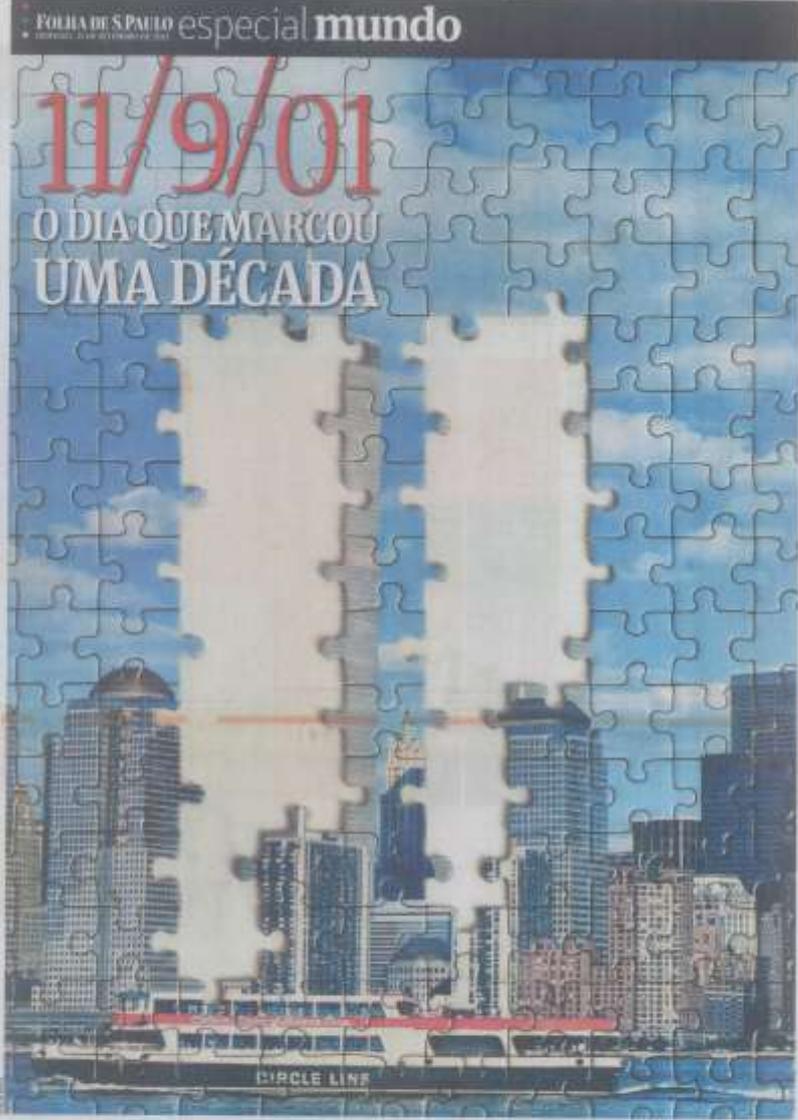
Matéria diagramada em seis colunas

ANEXO 2 - Caderno Especial 11/9/01 – O dia que marcou uma década

FOLHA DE S. PAULO especial mundo

11/9/01

O DIA QUE MARCOU UMA DÉCADA



O evento que definiu o início de século 21 chegou há 10 anos. O cenário criado de destruição, das ruínas do World Trade Center e do Pentágono, atingidas por aviões comerciais e com quase 3.000 mortos, espantou os americanos e refletiu a mudança da EUA como superpotência — mas que lançaram as bases para a crise econômica e para o dilema político que aqueçam esse século.

Dez anos depois do 11/9, o mundo vê a China assumir maior protagonismo, embora sem interdependência com as EUA. Difícil prever as defesas contra a decadência do Ocidente.

Oscar bin Laden acabou morto, e sua rede Al Qaeda, bombardeada, mas a luta segue no horizonte e liberdades individuais foram subjugadas em nome do combate a ele.

Com estrados 25 mil mortos, as guerras no Afeganistão e no Iraque foram politicamente dadas como encerradas, mas, na prática, os conflitos seguem inextinguíveis. Neste caderno especial, a Folha situa essas questões.

<p>EUA Foi esta queda de avião no World Trade Center que marcou o início do século 21.</p> <p>Pág. 2</p>	<p>Economia Três anos de recessão, uma guerra econômica e a crise do petróleo.</p> <p>Pág. 3</p>	<p>Educação Muitos e a escola é fechada. A educação é o futuro da América.</p> <p>Pág. 4</p>	<p>Ruy Castro Nos 10 anos do 11/9, o mundo mudou de cabeça para baixo.</p> <p>Pág. 5</p>
---	---	---	---

Após década turbulenta, EUA questionam reação aos ataques

Ampliam-se as críticas à política externa dos americanos e aos seus sucessores legítimos do 11 de Setembro

Despesas com guerras dificultam recuperação

EUA sobrecarregam o orçamento federal nos 2009 para um déficit de 964 de 2008 em 2010

1 O presidente Barack Obama anunciou sua política de não intervenção em conflitos internacionais, exceto em casos de defesa própria ou de aliados. Ele também prometeu não enviar tropas para o Iraque e o Afeganistão.

2 O primeiro-ministro britânico Gordon Brown anunciou que o Reino Unido não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

3 O primeiro-ministro francês Nicolas Sarkozy anunciou que a França não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

4 O primeiro-ministro espanhol José Luis Rodríguez Zapatero anunciou que a Espanha não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

5 O primeiro-ministro alemão Angela Merkel anunciou que a Alemanha não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

6 O primeiro-ministro italiano Romano Prodi anunciou que a Itália não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

7 O primeiro-ministro japonês Shinzo Abe anunciou que o Japão não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

8 O primeiro-ministro sul-coreano Lee Myung-bak anunciou que a Coreia do Sul não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

9 O primeiro-ministro taiwanês Ma Ying-jeou anunciou que Taiwan não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

10 O primeiro-ministro indonésio Susilo Bambang Yudhoyono anunciou que a Indonésia não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

11 O primeiro-ministro australiano Kevin Rudd anunciou que a Austrália não se juntaria à intervenção militar no Líbano.

CONCLUSÃO DO FÓRUM MONDIAL
O Fórum Mundial de 2009, realizado em Davos, Suíça, em janeiro, reuniu líderes mundiais para discutir a crise econômica global. O tema central foi "O mundo em crise: como superar a crise econômica global".

PARTICIPAÇÃO NO FÓRUM MONDIAL
O Fórum Mundial de 2009 teve uma participação recorde de líderes mundiais, incluindo o presidente Barack Obama, o primeiro-ministro britânico Gordon Brown, o primeiro-ministro francês Nicolas Sarkozy, o primeiro-ministro alemão Angela Merkel, o primeiro-ministro italiano Romano Prodi, o primeiro-ministro japonês Shinzo Abe, o primeiro-ministro sul-coreano Lee Myung-bak, o primeiro-ministro taiwanês Ma Ying-jeou, o primeiro-ministro indonésio Susilo Bambang Yudhoyono, e o primeiro-ministro australiano Kevin Rudd.

Niwa doutrina militar evita ações isoladas

A doutrina militar japonesa, conhecida como Niwa, enfatiza a importância de evitar ações isoladas e de trabalhar em conjunto com aliados. Isso é refletido na política externa do Japão, que busca fortalecer suas relações com os Estados Unidos e outros membros da OTAN.

QUEM MANDA NA SUA FILA DE UM AEROPORTO

Um diagrama ilustra a hierarquia de comando em uma fila de um aeroporto. No topo, o chefe de segurança toma decisões gerais. Abaixo dele, o chefe de fila coordena a movimentação das pessoas. Os funcionários de segurança realizam as verificações individuais. O diagrama mostra como as decisões são tomadas e como a fila é gerenciada para garantir a segurança e a eficiência.

FOLHA DE SPILIO
 11 de novembro de 2011
 R\$ 1,50

FOLHA DE SPILIO
 11 de novembro de 2011
 R\$ 1,50

UMA HISTÓRIA, VÁRIAS LIÇÕES



uma história, várias lições

Em meio às aulas de história, o professor fala sobre a importância de aprender com o passado para evitar conflitos futuros

Um professor de história em uma sala de aula. Ele está falando para um grupo de alunos. Alguns estão tomando notas, outros estão olhando para ele com atenção.

Em meio às aulas de história, o professor fala sobre a importância de aprender com o passado para evitar conflitos futuros

Um professor de história em uma sala de aula. Ele está falando para um grupo de alunos. Alguns estão tomando notas, outros estão olhando para ele com atenção.

morte e sobrevivência

Por que coloco em linha o que a minha esposa e eu registramos com o RCTI e o Inquérito que fizemos em Bagdá

'Me perguntel se assistiria à minha própria morte'



No Brasil, ex-doutores misturam desinformação com tolerância



'Meus netos querem saber por que os pais morreram'

Um homem sentado em uma cadeira, olhando para a câmera. Ele parece estar em um ambiente formal, talvez um escritório ou uma sala de aula.

